



## Prevalência de Transtornos Depressivos em Estudantes do Curso de Medicina no Brasil

*Fernanda Odete Souza Rodrigues<sup>1\*</sup>, Henrique Guimarães Vasconcelos<sup>1</sup>, Miriam Barbosa Nogueira<sup>2</sup>*

**Resumo:** Objetivo: Analisar a prevalência do transtorno depressivo em acadêmicos de medicina conforme idade, sexo e período do curso em que se encontravam. Métodos: Revisão sistemática de artigos publicados nos últimos 15 anos nas bases de dados PubMed, LILACS e Google Acadêmico, dentre os quais sete estudos corresponderam aos critérios de inclusão pré-estabelecidos nesta pesquisa. Resultados: A prevalência de sintomas depressivos variou entre 8,9% e 79%, sendo as mulheres mais acometidas pelo transtorno. Foram considerados como fatores desencadeantes a carga horária excessiva, amplo conteúdo programático e insegurança quanto à aprendizagem e ao desempenho nas avaliações curriculares e provas de residência. Considerações finais: A jornada acadêmica, desde a preparação para o vestibular até o internato, impacta significativamente na saúde psicológica dos estudantes de medicina. Embora a prevalência da depressão nesses alunos seja superior à média da população geral, a busca por assistência psicológica pelos acadêmicos é, ainda, insatisfatória.

**Palavras-chave:** Saúde Mental, Transtorno Depressivo, Estudantes de Medicina.

## Prevalence of depressive disorders in medical students in Brazil

**Abstract:** Objective: To analyze the prevalence of depressive disorder in medical academics according to age, sex and course period in which they are attending. Methods: Systematic review of articles published in the last 15 years of data bases PubMed, LILACS and Google Scholar, among which seven studies corresponding to critics of inclusion of pre-established in this research. Results: a prevalence of depressive symptoms ranging from 8.9% to 79%, being women most affected by the disorder. Focus considered as triggering factors to excessive workload, broad program content and insecurity regarding learning and performance in curriculum evaluations and residency tests. Final considerations: An academic journey, from preparing for entrance exams to boarding school, impacting the psychological ship of medical studies. Although the prevalence of depression in these students is higher than the average for the general population, the search for psychological assistance by academics is still unsatisfactory.

**Keywords:** Mental Health, Depressive Disorder, Medical Students.

### Introdução

A depressão é uma doença crônica, recorrente e comum, constantemente relacionada à incapacidade funcional e ao comprometimento da saúde mental e física do indivíduo (NORONHA JÚNIOR MAG, *et al.*, 2015). Em relação aos sintomas, a depressão é

<sup>1</sup> Universidade de Itaúna (UIT), Itaúna - MG. \*E-mail: nandasouzarodrigues@hotmail.com;

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte – MG.

caracterizada por tristeza, rebaixamento do humor, perda de prazer, avolia, distúrbios do sono e/ou do apetite, resultante de um grupo de fatores (ambientais, psicológicos, genéticos e biológicos) associados a uma disfunção de neurotransmissores, incluindo a serotonina, noradrenalina e dopamina (TENÓRIO LP, *et al.*, 2016; NORONHA JÚNIOR MAG, *et al.*, 2015).

Quando não tratada adequadamente, esta doença desequilibra o desempenho normal do cérebro, favorecendo altos índices de comorbidades psiquiátricas, como os distúrbios de ansiedade (ansiedade generalizada, síndrome do pânico, episódios de ansiedade pós-traumática e fobias), além de propiciar maior incidência de doenças autoimunes e cardiovasculares (SERINOLLI MI, *et al.*, 2015).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a depressão tem assumido uma posição de relevância entre os desafios da saúde pública desde 1990, devendo tornar-se a doença mais frequente nos próximos 20 anos, já representando o quinto maior problema de saúde pública mundialmente (ANDRADE JBC, *et al.*, 2014). Estudos ainda ressaltam que a idade de início das manifestações da doença está cada vez menor, acometendo pacientes cada vez mais jovens, com destaque para os estudantes de Medicina e profissionais da saúde (FIOROTTI KP, *et al.*, 2010; NORONHA JÚNIOR MAG, *et al.*, 2015).

Além de configurar um período de amplificação de conhecimentos, a trajetória universitária representa, primordialmente, uma etapa de formação profissional técnica dos futuros médicos, podendo estar associada a vários fatores estressores, a exemplo do grande número de disciplinas, excessiva carga horária, dificuldade de conciliar as numerosas atividades do curso e o escasso tempo de lazer, as expectativas sociais e a enorme responsabilidade. Inclui-se também o constante contato com a morte e várias patologias, o receio de errar, o sentimento de impotência em determinadas condições clínicas, além do medo de contrair doenças ao lidar com os pacientes (CARDOSO FILHO FAB, *et al.*, 2015; ANDRADE JBC, *et al.*, 2014; NEPONUCENO HJ, *et al.*, 2019).

Também é válido ressaltar que os acadêmicos de Medicina enfrentam um dos vestibulares mais disputados no país, o que também gera impactos prévios na saúde mental. Devido ao contexto competitivo, muitos desses acadêmicos desenvolvem tendência isolacionista como estratégia de proteção diante das competições intrínsecas ao meio (COSTA EFDO, *et al.*, 2012).

A experiência psicológica desses acadêmicos é consideravelmente alterada ao longo dos 6 anos de formação, compondo certas fases psicológicas, sendo elas: a) euforia inicial, causada pelo ingresso na faculdade; b) decepção, caracterizada pela enorme cobrança e desafios do curso; c) adaptação e preocupação, resultantes da etapa de internato, e a competitividade em processos seletivos de residência (FIOROTTI KP, *et al.*, 2010). Além disso, há uma elevação gradativa, a cada período do curso, dos níveis de estresse, ansiedade e burnout (ANDRADE JBC, *et al.*, 2014; CARDOSO FILHO FAB, *et al.*, 2015).

A presença de depressão ao longo da formação profissional pode gerar redução da aprendizagem, além de sentimentos de insegurança e baixa autoestima. Ademais, foi constatada uma reciprocidade negativa entre assertividade e nível de ansiedade, o que gera danos ao desenvolvimento profissional e ao aprendizado da Medicina, podendo resultar, em casos graves, no abandono do curso e suicídio (COSTA EF, *et al.*, 2010; VASCONCELOS TC, *et al.*, 2015). Estudos também relatam que a existência de transtornos depressivos ainda na graduação, quando não adequadamente diagnosticados e tratados, pode agravar-se na residência médica e ao longo da atividade profissional (TENÓRIO LP, *et al.*, 2016; VASCONCELOS TC, *et al.*, 2015).

Diante do aumento dos debates sobre desordens psíquicas em acadêmicos de medicina, algumas universidades começaram a disponibilizar serviços de suporte psicológico aos alunos. No entanto, essa questão ainda é subvalorizada em várias instituições, além da dificuldade de adesão por parte dos alunos, já que apenas de 8% a 15% buscam serviços psiquiátricos ao longo do curso, pois a maior parte deles prefere lidar com os desafios da doença por conta própria do que buscar acompanhamento profissional e se expor, o que acreditam poder prejudicá-los em suas vidas acadêmicas e profissionais (NORONHA JÚNIOR MAG, *et al.*, 2015; NEPONUCENO HJ, *et al.*, 2019; COSTA EFDO, *et al.*, 2012).

O objetivo deste estudo consistiu em analisar o perfil dos acadêmicos de medicina que apresentam transtorno depressivo, nas publicações científicas dos últimos 15 anos, afim de analisar a relação entre os períodos do curso de medicina e a manifestação da depressão e descrever os fatores apontados como desencadeantes do surgimento da doença.

## **Método**

Esta revisão de literatura foi realizada em quatro etapas, sendo elas (I) o planejamento, em que as diretrizes de pesquisa foram definidas, (II) a condução, que consistiu em executar a busca e seleção de artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, (III) a extração de dados, que possibilitou examinar minuciosamente os estudos selecionados, e (IV) síntese e análise dos dados.

Os artigos utilizados nesta revisão bibliográfica foram pesquisados nas bases de dados PubMed, LILACS e Google Acadêmico e publicados entre os anos 2005 e 2020. Os descritores utilizados na busca foram: “depressão”, “prevalência”, “epidemiologia”, “estudantes de Medicina”, “educação médica”, “saúde mental” e “Brasil”.

Em relação aos critérios de inclusão, foram selecionados artigos que apresentaram dados primários sobre a prevalência dos transtornos depressivos em acadêmicos de medicina e/ou fatores de risco e aqueles que possuíam dados sociodemográficos sobre a população de estudantes do curso de medicina no Brasil e que utilizaram instrumentos metodológicos padronizados e validados.

Em relação aos critérios de exclusão, foram desconsiderados trabalhos em duplicidade e que, apesar de possuírem os descritores elegidos, não abordavam a temática da pesquisa diretamente, analisada pela leitura dos resumos. A etapa de busca por artigos resultou no encontro de 113 trabalhos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados sete artigos.

Após a leitura e seleção dos artigos, os dados foram tabulados utilizando um quadro com as informações de cada produção científica: título, ano de publicação, nome do autor, resultados e conclusão do trabalho. Com base nessas informações, realizou-se uma análise estatística descritiva dos dados relacionados ao perfil das amostras avaliadas (tamanho, idade média e sexo) e à prevalência de sintomas depressivos e sua relação com o período do curso de medicina, permitindo que os artigos fossem interpretados e comparados a fim de obter-se o resultado da pesquisa.

## Resultados

Foram selecionados sete artigos que obedeceram aos critérios de inclusão e exclusão predeterminados neste trabalho. Os estudos encontrados constavam em língua portuguesa e maior detalhamento sobre eles pode ser observado a seguir (**Quadro 1**).

**Quadro 1** - Artigos brasileiros sobre prevalência de depressão entre estudantes de Medicina

Ano	Autores	Título	Tipo de estudo	Revista	Instrumento
2006	Cavestro JM e Rocha FL	Prevalência de depressão entre estudantes universitários	Transversal	J. Bras. Psiquiatr.	Mini International Neuropsychiatry Interview
2008	Rezende CHA, <i>et al.</i>	Prevalência de Sintomas Depressivos entre Estudantes de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia	Transversal	Rev. Bras. Educ. Med.	Inventário de Depressão de Beck
2008	Amaral GF, <i>et al.</i>	Sintomas depressivos em acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Goiás: Um estudo de prevalência	Transversal	Rev. Psiquiatr. Rio Gd. Sul.	Inventário de Depressão de Beck
2010	Lima LS, <i>et al.</i>	Sintomas depressivos nos estudantes de medicina da Universidade Estadual do Maranhão	Transversal	Rev. Neurocienc.	Inventário de Depressão de Beck
2011	Valillo NG, <i>et al.</i>	Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina	Transversal	Rev. Bras. Clin. Med.	Inventário de Depressão de Beck
2014	Paula JA, <i>et al.</i>	Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina	Transversal	Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.	Inventário de Depressão de Beck
2015	Vasconcelos TC, <i>et al.</i>	Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina	Transversal	Rev. Bras. Educ. Med.	Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão

Fonte: Rodrigues FOS, Vasconcelos HG, Nogueira MB, 2020.

A presente pesquisa possibilitou constatar maior produção científica sobre essa temática na região sudeste do Brasil, sendo quatro dos estudos selecionados realizados nos estados de Minas Gerais e São Paulo. Tal fato pode ser considerado responsável pelo questionamento quanto à alta prevalência do transtorno entre os acadêmicos dessas regiões.

De modo geral, os autores dos artigos revisados optaram pelo delineamento transversal da população estudada, visto a facilidade e objetividade promovida por esse modelo de estudo.

A fim de favorecer a análise quantitativa sobre a depressão entre os estudantes de medicina, a aplicação do Inventário de Beck foi executada em cinco dos sete estudos escolhidos.

Houve concordância entre os trabalhos quanto aos principais estressores do meio acadêmico responsáveis pelos impactos psicológicos negativos. Dentre eles, foram apontados a carga horária excessiva, o amplo conteúdo programático e a insegurança quanto à aprendizagem e ao desempenho nas avaliações curriculares e provas de residência.

Os artigos analisados pesquisaram, com apenas uma exceção, alunos de todos os períodos do curso médico. Para melhor entendimento das amostras colhidas em cada estudo, o quadro a seguir descreve o perfil dos estudantes selecionados (**Quadro 2**).

**Quadro 2** - Perfil das amostras coletadas em cada estudo

<b>Autores</b>	<b>Tamanho da amostra (N)</b>	<b>Prevalência (%)</b>	<b>Média de idade dos alunos (anos)</b>	<b>Sexo</b>	<b>Período do curso</b>
Cavestro JM e Rocha FL	213	8,9	23,1	Feminino - 103 Masculino - 110	Primeiro ao sexto ano
Rezende CHA, <i>et al.</i>	400	79	21,1	Feminino - 224 Masculino - 176	Primeiro ao sexto ano
Amaral GF, <i>et al.</i>	287	26,8	21,3	Feminino - 156 Masculino - 131	Primeiro ao sexto ano
Lima LS, <i>et al.</i>	80	47,5	18-30	Feminino - 35 Masculino - 45	Primeiro ao quarto ano
Valillo NG, <i>et al.</i>	400	12,2	22,6	Feminino - 224 Masculino - 176	Primeiro ao sexto ano
Paula JA, <i>et al.</i>	652	28,8	22,7	Feminino - 384 Masculino - 268	Primeiro ao sexto ano
Vasconcelos TC, <i>et al.</i>	234	19,3	22,0	Feminino - 154 Masculino - 80	Primeiro ao sexto ano

Fonte: Rodrigues FOS, Vasconcelos HG, Nogueira MB, 2020.

A prevalência de depressão nos estudantes do curso de medicina das diversas faculdades apresentou significativa discrepância entre os estudos, oscilando de 8,9% a 79%, fato resultante da variação entre os pontos de corte estabelecidos para o diagnóstico do quadro psíquico.

Exceto na pesquisa de Lima LS, *et al.* (2010), as mulheres compuseram a maior parte das amostras, representando cerca de 54,2% da população estudada, além de terem manifestado sintomatologia mais expressiva quando comparadas aos alunos do sexo masculino. Quanto a faixa etária dos alunos, a idade média encontrada nos trabalhos revisados foi de 22,5 anos.

Em relação à definição do ano do curso em que os transtornos depressivos evidenciaram maior recorrência, Amaral GF, *et al.* (2008) e Lima LS, *et al.* (2010) encontraram preponderância de sintomas típicos de depressão no terceiro ano do curso, ao passo que Paula JA, *et al.* (2014) notaram que o transtorno se manifestou, principalmente, no ciclo básico (primeiro e segundo anos). Apenas o estudo de Vasconcelos TC, *et al.* (2015) encontrou uniformidade na distribuição de alunos com sintomas depressivos em qualquer fase da graduação, sem predominância significativa em determinada etapa.

## Discussão

Conforme divulgado pela Organização Mundial de Saúde (2017), a depressão acomete 5,8% da população brasileira, cerca de 11,5 milhões de habitantes. Esse dado coloca o país na quinta posição mundial quanto à prevalência desse transtorno e é ainda mais expressivo quando se avalia a manifestação dos sintomas no meio acadêmico, sobretudo no curso de medicina.

Mediante revisão da literatura, observa-se que a taxa média de depressão entre os acadêmicos do curso médico é de 32,2%. Rezende CHA *et al.* (2008), ao estabelecerem ponto de corte do inventário de Beck (IDB) inferior ao preconizado pelo “*Center for Cognitive Therapy*”, enquadraram 79% de alunos no quadro depressivo. Cavestro JM e Rocha FL (2006) encontraram prevalência de 8%, fato desencadeado pela aplicação do método “*Mini International Neuropsychiatric Interview*” (MINI). Apesar da discrepância, há consenso no que diz respeito ao fato de os estudantes de medicina apresentarem mais sintomas depressivos do que a população geral.

A jornada enfrentada pelos estudantes que almejam a graduação em medicina tem início precoce e requer determinação. No Brasil, ao contrário do que ocorre em outros países, a entrada na faculdade, seja pública ou privada, exige a aprovação no vestibular. A preparação para o

processo seletivo, por vezes, envolve obstáculos importantes, tais como a elevada concorrência e a imaturidade psicológica do vestibulando, que não se findam com o ingresso ao curso (BARBOSA, *et al.*, 2018).

O programa médico tem duração de seis anos e pode ser dividido em três fases, sendo elas o ciclo básico (primeiro e segundo anos), o ciclo clínico (terceiro e quarto anos) e o internato (quinto e sexto anos). Em cada uma dessas etapas, o estudante experimenta sentimentos distintos e vivencia conflitos que impactam em sua saúde mental. O ciclo básico, por exemplo, é marcado pela adaptação ao método de ensino e ao excesso de conteúdo, ao passo que o ciclo clínico impõe dificuldades diante do primeiro contato com os pacientes e da aplicação dos aprendizados teóricos (KALUF IO, *et al.*, 2019).

Durante o internato, surgem dúvidas com relação à própria competência frente aos desafios encontrados no ambiente ambulatorial e hospitalar e as futuras provas de residência. Além desses marcos na trajetória acadêmica, os estudantes apontam outros fatores desencadeadores dos transtornos depressivos como, por exemplo, a falta de tempo para o lazer, as injustiças cometidas por docentes e o afastamento do núcleo familiar (AMARAL GF, *et al.*, 2008). Assim, após período considerável sob pressão intensa, é compreensível a prevalência de depressão entre os acadêmicos de medicina atingir níveis de até 79%, variando na dependência de qual fase do curso o estudante se encontra (Rezende CHA, *et al.*, 2008).

Na literatura, encontram-se relatos contraditórios no que diz respeito ao ano do curso em que os sintomas depressivos são preponderantes. Cybulski CA e Mansani FP (2017) encontraram maior prevalência no último ano da graduação, possivelmente associada à proximidade da conclusão do curso, ao passo que Lima LS, *et al.* (2010) e Amaral GF, *et al.* (2008) observaram taxas elevadas no terceiro e quarto anos.

Sob esse aspecto, Amaral GF, *et al.* (2008) referiram redução da frequência do transtorno após o primeiro ano do ciclo clínico, dado que se contrapõe aos achados de Costa EFDO, *et al.* (2012). Segundo os últimos autores, a elevação dos índices de depressão na fase do internato é explicada pela proximidade com os processos de adoecimento e morte, dificuldade em comunicar más notícias e pela autocobrança com relação à futura especialização.

Além do quesito “ano do curso”, os artigos, de modo geral, contemplaram a prevalência da depressão entre estudantes dos sexos feminino e masculino. O maior número de mulheres com sintomas depressivos pode ser explicado pela baixa autoconfiança e pela maior facilidade de expressar socialmente seus sentimentos, como demonstra o estudo de Tabalipa FO, *et al.*

(2015). Os valores encontrados pelos textos selecionados são compatíveis com aqueles elucidados em trabalhos contemporâneos como os de Moterle N, *et al.* (2018) e Aquino DR, *et al.* (2019).

Trabalhos científicos como os de Amaral GF, *et al.* (2008), Lima LS, *et al.* (2010) e Baldassin S (2010) foram enfáticos ao priorizar o acompanhamento psicológico dos estudantes e a inserção precoce de conteúdos relativos à psiquiatria como medidas principais de enfrentamento e prevenção do problema. Entretanto, sabe-se que tais estratégias podem ser frágeis do ponto de vista prático. Uma vez que o amplo conteúdo programático é considerado fator estressor, tornar obrigatórias novas disciplinas sobre saúde mental pode causar efeito paradoxal.

Ainda nesse contexto, soma-se a manutenção do estigma da psiquiatria, principalmente entre médicos e acadêmicos de medicina. Refere-se, na literatura, a relutância dos alunos em procurar auxílio psiquiátrico por medo de serem vítimas da quebra de sigilo e dos possíveis custos com o tratamento (ROCHA LN, *et al.*, 2019). Sendo assim, faz-se necessária a estruturação de um programa psicológico que tenha, por objetivo, tornar-se ponto de acolhimento para aqueles que necessitem de apoio.

Os estudos de Amaral GF, *et al.* (2008), Bampi LNS, *et al.* (2013) e Ribeiro MMF, *et al.* (2019) retratam a criação de programas de combate à depressão que foram eficazes. Sob essa óptica, os núcleos de assistência psicológica das Universidades de Goiás, São Paulo e Minas Gerais, embora enfrentassem obstáculos como instalação inapropriada e falta de profissionais capacitados, resultaram na redução das taxas de transtornos mentais e suicídio (Millan LR, *et al.*, 2008).

Havendo necessidade de acompanhar o processo de adoecimento e cura, estudos de delineamento transversal tornam-se limitados. Dessa forma, é sugerido o desenvolvimento de pesquisas longitudinais que busquem analisar a variação dos fatores estressores ao longo do tempo, bem como os resultados obtidos pelas estratégias de enfrentamento adotadas pelas faculdades de medicina.

## **Considerações Finais**

A prevalência dos transtornos depressivos em estudantes de medicina é cerca de sete vezes superior à média da população geral, sendo as mulheres mais comumente afetadas. Dentre

os principais fatores desencadeantes destaca-se, sobretudo, a forma como é estruturada a jornada acadêmica, desde a preparação para o processo seletivo até a fase do internato. A disponibilidade de apoio psicológico no meio acadêmico, apesar de apresentar bons resultados, é incipiente e a busca por assistência psicológica por parte dos alunos é, ainda, insatisfatória. Dessa forma, a ampliação e o aperfeiçoamento de programas de combate e prevenção dos transtornos depressivos são medidas necessárias para reduzir a morbimortalidade ocasionada pela doença.

## Referências

AMARAL G.F.; GOMIDE L.M.P.; BATISTA M.P.; PÍCCOLO P.P.; TELES T.B.G.; OLIVEIRA P.M.; PEREIRA M.A.D. Sintomas depressivos em acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Goiás: Um estudo de prevalência. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 30, n. 2, p. 124-130, 2008.

ANDRADE J.B.C.; SAMPAIO J.J.C.; FARIAS L.M.; MELO L.P.; SOUSA D.P.; MENDONÇA A.L.B.; MOURA FILHO F.F.A.; CIDRÃO I.S.M. Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, n. 2, p. 231-242, 2014.

AQUINO D.R.; CARDOSO R.A.; PINHO L. Sintomas de depressão em universitários de medicina. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v. 39, n. 96, p. 81-95, 2019.

BALDASSIN S. Ansiedade e Depressão no Estudante de Medicina: Revisão de Estudos Brasileiros. **Cadernos ABEM**, n. 6, p. 19-26, 2010.

BAMPI L.N.S.; BARALDI S.; GUILHEM D.; ARAÚJO M.P.; CAMPOS A.C.O. Qualidade de Vida de Estudantes de Medicina da Universidade de Brasília. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 2, p. 217-225, 2013.

BARBOSA M.L.; FERREIRA B.L.R.; VARGAS T.N.; SILVA G.M.N.; NARDI A.E.; MACHADO S.; CAIXETA L. Burnout Prevalence and Associated Factors Among Brazilian Medical Students. **Revista Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health**, v. 14, p. 188-195, 2018.

BECK A.T.; EPSTEIN N.; BROWN G.; STEER R.A. An inventory for measuring clinical anxiety: psychometric properties. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 56, n. 6, p. 893-897, 1988.

CARDOSO FILHO F.A.B.; MAGALHÃES J.F.; SILVA K.M.L.; PEREIRA I.S.S.D. Perfil do estudante de medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, n. 1, p. 32-40, 2015.

CAVESTRO J.M.; ROCHA F.L. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 55, n. 4, p. 264-267, 2006.

COSTA E.F.O.; ANDRADE T.M.; SILVANY N.A.M.; MELO E.V.; ROSA A.C.A.; ALENCAR M.A. Common mental disorders among medical students at Universidade Federal de Sergipe: a cross-sectional study. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 32, n. 1, p. 11-19, 2010.

COSTA E.F.O.; SANTANA Y.S.; SANTOS A.T.R.A.; MARTINS L.A.N.; MELO E. V.; ANDRADE T.M. Sintomas depressivos entre internos de medicina em uma universidade pública brasileira. **Revista da Associação Médica Brasileira**, n. 58, p. 53-59, 2012.

CYBULSKI C.A.; MANSANI F.P. Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 1, p. 92-101, 2017.

FIOROTTI K.P.; ROSSONI R.R.; BORGES L.H.; MIRANDA A.E. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 1, p. 17-23, 2010.

KALUF I.O.; SOUSA S.G.O.; LUZ S.; CESARIO R.R. Sentimentos do Estudante de Medicina quando em Contato com a Prática. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 1, p. 13-22, 2019.

LIMA L.S.; FERRY V.; FONSECA R.N.M.; JUNIOR SILVA G.F.; JADÃO F.R.S. Sintomas depressivos nos estudantes de medicina da Universidade Estadual do Maranhão. **Revista Neurociências**, v. 18, n. 1, p. 8-12, 2010.

MILLAN L.R.; ARRUDA P.C.V. Assistência psicológica ao estudante de medicina: 21 anos de experiência. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 54, n. 1, p. 90-94, 2008.

NEPONUCENO H.J.; CARVALHO B.D.N.; NEVES N.M.B.C. Transtornos mentais comuns em estudantes de medicina. **Revista Bioética**, v. 27, n. 3, p. 465-70, 2019.

NORONHA JÚNIOR M.A.G.; BRAGA Y.A.; MARQUES T.G.; SILVA R.T.; VIEIRA S.D.; COELHO V.A.F.; GOBIRA T.A.A.; REGAZZONI L.A.A. Depressão em estudantes de medicina. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 25, n. 4, p. 562-567, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Depression and Other Common Mental Disorders**: Global Health Estimates. Geneva: OMS, 2017.

PAULA J.A.; BORGES A.M.F.S.; BEZERRA L.R.A.; PARENTE H.V.; PAULA R.C.A.; WAJNSZTEJN R.; CARVALHO A.A.S.; VALENTI V.E.; ABREU L.C. Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 24, n. 3, p. 274-281, 2014.

PORCU M.; FRITZEN C.V.; HELBER C. Sintomas depressivos nos estudantes de medicina da Universidade Estadual de Maringá. **Psiquiatria na Prática Médica**, v. 34, n. 1, 2001.

REZENDE C.H.A.; ABRÃO C.B.; COELHO E.P.; PASSOS L.B.S. Prevalência de Sintomas Depressivos entre Estudantes de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 32, n. 3, p. 315-323, 2008.

SERINOLLI M.I.; OLIVA M.P.M.; EL-MAFARJEH E. Antecedente de ansiedade, síndrome do pânico ou depressão e análise do impacto na qualidade de vida em estudantes de medicina. **Revista de Gestão em Sistemas de Saúde**, v. 4, n. 2, p. 113-126, 2015.

TABALIPA F.O.; SOUZA M.F.; PFÜTZENREUTER G.; LIMA V.C.; TRAEBERT E.; TRAEBERT J. Prevalence of Anxiety and Depression Among Medical Students. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, n. 3, p. 388-394, 2015.

TENÓRIO L.P.; ARGOLO V.A.; SÁ H.P.; MELO E.V.; COSTA E.F.O. Saúde mental de estudantes de escolas médicas com diferentes modelos de ensino. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 4, p. 574-582, 2016.

VALILLO N.G.; JUNIOR DANZI R.D.; GOBBO R.; NOVO N.F.; HÜBNER C.V.K. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, v. 9, n. 1, p. 36-41, 2011.

VASCONCELOS T.C.; DIAS B.R.T.; ANDRADE L.R.; MELO G.F.; BARBOSA L.; SOUZA E. Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, n. 1, p. 135-142, 2015.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

RODRIGUES, Fernanda Odete Souza; VASCONCELOS, Henrique Guimarães; NOGUEIRA, Miriam Barbosa. Prevalência de Transtornos Depressivos em Estudantes do Curso de Medicina no Brasil. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 166-177. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 25/02/2020.

Aceito: 19/03/2020